

RESGATANDO SABERES E FAZERES DE MULHERES QUE ATUARAM COMO PARTEIRA: ENTRELACANDO EDUCAÇÃO E HISTÓRIA DA REGIÃO SERRANA DE SC

STUDNICKA, Rosana Lopes – UNIPLAC – rosanastud@unplac.net

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Este trabalho faz parte de uma pesquisa (do Mestrado em Educação em andamento) sobre os conhecimentos e Saberes/Fazer de Mulheres que Atuaram como Parteira. Consiste em resgatar a forma em que aprenderam a arte de partejar, fazendo uma aproximação à questão da educação compreendida como não formal, são os saberes e fazeres materializados nas ações humanas que segundo FREIRE (1983: 47):

O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que se sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, (...). O homem, como ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente seu saber.

A educação e o conhecimento era algo que se ensinava na própria família, o desenvolver das atividades do lar ou fazeres da terra eram apregoados pelos mais velhos e se tinha por educação o respeito aos mais velhos e esse ensinamento por consequência se transmitia de pai para filho, o que para Nogueira, se chama isso educação antiga “ marca uma estreita relação entre o que foi aprendido e como se aprendeu, pelo uso, esse aprendido. A imediata relação entre o que foi dito e o que foi feito, à mútua confirmação entre o prático e momento (teórico) de pensar são características desse conhecimento”. NOGUEIRA, (1995:68).

Pensando dentro da questão do saber/fazer não formalizado do nascimento percebe-se que esse processo de ensinamento se transferiu de mulher pra mulher, mãe para filha, que para PESSOA (2005:63):

É justamente do olhar atento de uma menina – moça, destes princípios minúsculos presentes na prática de sua mãe ou tia, ao atender um parto para o qual era chamada, que nascia uma parteira. O ensino do ofício não tinha manual, nem lugar, nem hora marcada. Ele acontecia exatamente no acontecer da ação correspondente.

Isso se evidenciou durante as entrevistas realizadas nessa pesquisa onde grande parte dessas mulheres que atuaram como parteira presenciaram o processo do nascimento junto com outras mulheres onde se ensinava o ofício de parteira, ou

vivenciavam sozinhas o próprio parto, BOURDIEU (2005:22) nos ajuda a compreender que :

O ensino de um ofício ou, para dizer como Durkheim, de uma “arte”, entendido como “ prática pura sem teoria”, exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino dos saberes. Como se vê bem nas sociedades com escola e nas próprias escolas – numerosos modos de pensamento e de ação – e muitas vezes os mais vitais – transmitem-se de prática a práticas, por modos de transmissão totais e práticos, firmados no contracto directo e duradouro entre aquele que ensina e aquele que aprende (“faz como eu”).

A história da parturição nos retrata como aconteciam esses momentos e na literatura a registro de que desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio que lhes era transmitido de geração em geração, exemplifica-se pelas tribos primitivas as xamãs.

Na idade média as mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas eram cultivadoras de ervas que devolviam a saúde, eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa de aldeia em aldeia eram as médicas populares para todas as doenças.

Segundo KRAEMER e SPRENGER (1484:14),

Mais tarde elas vieram a representar uma ameaça. Em primeiro lugar, ao poder médico, que vinha tomando corpo através das universidades no interior do sistema feudal. Em segundo, porque formavam organizações pontuais (comunidades) que, ao se juntarem, formavam vastas confrarias, as quais trocavam entre si os segredos da cura do corpo e muitas vezes da alma.

Levando-se em consideração os diferentes períodos históricos da humanidade, o evento do parto tem sido, em todos os momentos, extremamente significativos, principalmente para as mulheres, sendo um processo em que as mesmas foram e deveriam consideradas protagonistas de acontecimento. Compreendendo o significado destas experiências para educação num enfoque popular na Região Serrana, nos atrevemos a construir e abrir caminhos narrando e analisando a importância desses saberes e fazeres para a memória social. Para BOSI (1994:39):

A memória é um cabedal infinito no qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, pois foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a

escutar outro tanto mais ainda. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Refletindo com BOSI, vale registrar que essa memória não é neutra, mas que é ressignificada com as vivências de hoje. “Pela memória, o passado não vem à tona das águas presentes, misturando-se com percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aprece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Considerava, portanto que através da memória o sujeito percebe que possui saberes, que ele é quem constrói a sua história.

Nosso caminho metodológico tem buscado observar e entrevistar mulheres da região serrana com idade entre 70 e 91 anos. Ao perguntarmos sobre a existência de mulheres que tivessem atuado como parteira, na maioria das vezes a resposta era a seguinte: “a senhora está apurada?”, o que se fazia entender que eu estava grávida e a procura de parteira. As narrativas de vida como caminho metodológico nos abre possibilidades de conhecer os período e espaço de tempos saberes/fazeres vividos por essas mulheres.

A religião católica e protestante contribuiu para centralização do poder, e o fizeram através dos tribunais da inquisição que varreram vários territórios, torturando e assassinando em massa aqueles que eram heréticos ou bruxos. Assim durante quatro séculos de perseguição de bruxas e heréticos, nada tinha de histeria coletiva, mas ao contrário foram perseguições bem calculadas pelas classes dominantes, entre estes os perseguidos estavam, as parteiras, benzedeadas, curandeiros.

Até o momento tivemos contato com cinco parteiras de diferentes municípios da Região Serrana de SC, todas com mais de 70 anos. Pode-se resgatar através destas entrevistas não só saberes do nascimento, mas também trocas da cultura local dessas mulheres como, a devoção religiosa através das orações e invocações aos santos que no momento do nascimento não acontecesse nada de errado ou para que a mulher que estivesse parindo passasse por uma boa hora. Esse hábito é retratado por,

FREIRE (2005: 407)

Vindas de Portugal, desabrocharam aqui várias crenças e magias [...], o hábito das mulheres trazerem no pescoço a gravidez “pedras de aras” dentro do saquinho, o cuidado de não passarem, quando prenhes, debaixo de escadas, sob o risco do filho não crescer, o hábito de cingirem-se, quando aperroadas pelas dores do parto, com o cordão de São Francisco; o da promessa a Nossa Senhora do Parto,

do bom sucesso, do Ó, da Conceição, das dores no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho bonito.

O autor indica as práticas que permanecem ainda presentes na memória dessas mulheres que como parteira, tentavam amenizar as dores do parto, não só através das rezas, benzeduras e uso constante de ervas medicinais, como se observa em uma das narrativas na íntegra:

ZRJ, *“Ponhava arruda, a nanoscada, a canela, a canela é bão pá esmorrágia , era pego esses remédio raspa nanoscada a gengibre ai fica de molho dentro é loco de bom “....*

... “dava aquelas dor na barriga então se benzia. Quero vê pra se lembra bem pra mim dize, não posso me lembra direito uma palavra, pois e isso que e ruim, “há por São Pedro e por São Paulo vamos a missa do natal mãe do corpo escondida que venha pro seu lugar amém, treis vezes, e a outra Jesus Cristo desse a missa nossa senhora disse a missa mãe do corpo,e Jesus cristo benzeu a mãe do corpo disse se põem em seu lugar , e cuida de todos nós amém, aprenda isso que você ajuda muito as veiz ta loca de dor de barriga dá um chá uma coisa, eu orientava pra não come carne de porco essas coisa”.

Este estudo contemplará relações de educação, cultura e sociedade buscando refletir a contribuição destes conhecimentos para o processo de educação popular e mostrando nos traços da cultura na Região Serrana, o papel das parteiras nas manifestações culturais do seu ofício, como transmissão de conhecimentos apropriado e construído de autores da área da saúde, da educação, da antropologia da sociologia, de ciências sociais.

Ressalta-se Freire (1996), “A eticidade de nossa presença, a das mulheres e dos homens, no mundo reconhece, também e necessariamente, que não se vive a eticidade sem liberdade de risco e não se tem liberdade sem risco”.

Nesta ótica, a vivencia tem mostrado que o parto é revestido de significados, entre estes, a cumplicidade, a amorosidade que justifiquem este ato com tanta cumplicidade.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 13ª. São Paulo, 1994.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. 8ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2005.

FREIRE, G. ***Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.*** 50ª ed. São Paulo. Ed. Global, 2005.

FREIRE, P. ***Extensão ou Comunicação?*** Tradução de Darci de Oliveira – prefácio de Jacques Chonchol, 7ª ed. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1983, 93p. (O Mundo de Hoje, V 4)

_____, P. ***Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.*** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

KRAMER, Heinrich e James Sprenger. ***O Martelo das Feiticeiras.*** Introdução histórica, Rose Marie Muraro; prefácio, Carlos Byington: Tradução de Paulo Fróes -18ª ed. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 2005.

NOGUEIRA, A. S. ***A Fala do Povo: a reprodução do conhecimento no saber popular.*** Petrópolis. Ed. Vozes, 1985.